

## ELEMENTOS PARA UMA TEORIA MARXISTA DA SUBJETIVIDADE\*

*Ricardo Antunes*

Professor de Sociologia do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp e autor,  
entre outros, de *A rebelião do trabalho*, Ed. da Unicamp.

Este livro tematiza sobre uma dimensão central do ser social: seus autores têm como preocupação comum o resgate da problemática da subjetividade, isto é, buscam entender a questão da individualidade na história, das formas de subjetivação que lhe correspondem, conforme a Apresentação de Paulo Silveira que, junto com Bernard Doray, foi responsável pela organização do livro.

Tema desconsiderado por diversas vertentes do pensamento "marxista" (basta pensar na brutalização staliniana e stalinista, de um lado, e na negação do sujeito presente nas leituras de corte estruturalista e anti-humanista). Este livro procura resgatar os nexos existentes entre a subjetividade e a objetividade, entre a coisidade do mundo real e as formas da consciência.

O ensaio de Paulo Silveira procura acompanhar o pensamento de Marx, desde a formulação acerca da Alienação e do Estranhamento até o fetichismo, centrando esse resgate nos *Manuscritos de 1844*, em um pequeno excerto dos *Grundrisse* e na tematização da mercadoria feita em *O capital*. Trata-se, segundo o autor, de apreender a dialeticidade "do sujeito e do objeto, do homem e da natureza, do homem consigo mesmo e com os outros homens, do homem e da coisa, do homem e do fetiche, do homem e da história, do homem na história, numa

palavra: da práxis humana", e desse modo procurar captar os elementos centrais constitutivos da teoria marxiana da subjetividade, suas complexas conexões com o mundo da materialidade, enfim, daquilo que, nas *Teses sobre Feuerbach*, Marx chamou de atividade humana sensível.

Paulo Silveira parte da importante e pouco usual distinção entre Alienação (*Entausserung*) e Estranhamento (*Entfremdung*): o primeiro, diz, refere-se à "alguma forma de perda, de privação, por parte de um sujeito" e o segundo designando "um alheamento (implicando a autonomização de um poder hostil), que se situa do lado do objeto, ainda que seja referido a um sujeito", para, ao final desse percurso, indicar nexos possíveis, a partir da análise do fetichismo, entre essa formulação marxiana e a psicanálise de inspiração freudiana. Em suas palavras: "Marx, como vimos, distinguiu a alienação e o fetichismo da religião dos mesmos processos em relação à mercadoria; aqueles por circunscreverem-se à dimensão da consciência e estes últimos por abrangerem a própria vida efetiva. Essa distinção não apenas permite que se considere o fetichismo da mercadoria irreduzível às formas de consciência, como o situa como uma internalização, a tal nível de profundidade que, indiscutivelmente, não pode ser outro senão o do inconsciente".

\* Paulo Silveira e Bernard Doray (org.), Ed. Vértice, SP, 1989, pp. 208.

No ensaio “Da produção à subjetividade — referências para uma dialética das formas”, o psiquiatra francês Bernard Doray também caminha tentando apreender elementos de conexão entre marxismo e psicanálise: ambos “não se situam no mesmo terreno, e todas as tentativas de síntese ‘freudo-marxistas’ forçadas revelaram-se geralmente estéreis. No entanto, se, como penso, a teoria psicanalítica é algo bem diferente de uma fenomenologia dos processos induzidos pelo tratamento, então, o marxismo, por levar em conta os homens reais, deve aprender a assimilar de maneira crítica o que a psicanálise nos ensina sobre a subjetividade”.

Além destes, o leitor encontrará um conjunto abrangente e multidisciplinar de ensaios, como o da filósofa francesa Michèle Ber-

trand (“O homem clivado - a crença e o imaginário”), do filósofo argentino León Rozitchner (“Marx e Freud: a cooperação e o corpo produtivo”), e dos franceses Lucien Sève (“A personalidade em gestação”) e Yves Clot (“O marxismo em questão”), todos buscando redimensionar as questões referentes “ao caráter relacional e histórico do homem e da natureza, do sujeito e do objeto e das próprias relações dos homens entre si e consigo mesmo”.

Este livro é, portanto, uma contribuição na busca do entendimento das múltiplas formas de estranhamento, que têm tolhido e impossibilitado a efetiva identidade entre indivíduo e gênero humano. E essa *desidentidade*, que se universaliza na sociabilidade do capital, obsta a efetivação da individualidade humana emancipada.